

“a mão pesada da morte acaba de arrebatá- mais uma vida preciosa”:

sensibilidades nos anúncios de
falecimento no jornal *O Piauí* entre
1869 e 1873

mariana antão de carvalho rosa 
universidade federal do maranhão
são luís - maranhão - brasil

resumo

Inseridos no campo de possibilidades quase infinita de temas a serem investigados pelo campo da História Cultural, o presente trabalho propõe apresentar as sensibilidades construídas pelos piauienses no momento de anunciar a morte de seus entes no jornal “*O Piauí*” entre 1869 e 1873. Objetivamos, também, demonstrar que os anúncios de falecimento fornecem diversos indícios que podem informar sobre a configuração social e as relações políticas estabelecidas em um dado lugar e determinado período, o que os tornam uma fonte de análise histórica bastante frutífera.

Palavras-chave: Anúncios de falecimento; Morte; *O Piauí*.

abstract

As part of almost infinite possibilities of themes to be investigated by the field of cultural history, this work presents the sensitivities conveyed by the inhabitants of Piauí (Brazil) when announcing the death of their loved ones in the newspaper “*O Piauí*” between 1869 and 1873. It also aims to demonstrate that the obituaries provide several clues that can portray the social configuration and the political relations established in a given place and time, which make them a fruitful source of historical analysis.

Keywords: Obituaries; Death; *O Piauí*.

considerações iniciais

O interesse por rastrear as sensibilidades inscritas nos anúncios de falecimento no jornal “*O Piauí*” foi despertado durante a elaboração da dissertação de mestrado intitulada “*Cemitério São José: História, Memória e Sensibilidades teresinenses*” (ROSA, 2019). Na ocasião, buscamos investigar os comportamentos, sensibilidades e significados sociais para com os mortos em Teresina, a partir da inauguração do seu primeiro cemitério público¹ em 1859. Em resumo, observamos as sensibilidades construídas pelos piauienses em dois momentos distintos do longo processo de despedida dos parentes e amigos falecidos, qual sejam: a hora de anunciar o falecimento nos jornais e, depois, escolher e mandar erigir uma sepultura ou monumento funerário no lugar onde foram inumados. Nesse último caso, realizamos um breve estudo sobre a arte cemiterial inscrita no Cemitério São José entre 1859 e a primeira metade do século XX.

Portanto, o presente artigo trata-se de um fragmento desse estudo. Propomos apresentar as sensibilidades construídas pelos piauienses no momento de anunciar a morte de seus entes no jornal “*O Piauí*” entre 1869 e 1873. Quais as sensibilidades e intencionalidades perpassam esse tipo de publicação? Esta é uma questão que norteia nossas reflexões. Objetivamos, também, demonstrar que os anúncios de falecimento fornecem diversos indícios que pode informar sobre a configuração social e as relações políticas estabelecidas em um dado lugar e determinado período, o que os tornam uma fonte de análise histórica bastante frutífera.

Os trabalhos que propõem estudar os anúncios de falecimento e os obituários publicados nos jornais brasileiros são desenvolvidos, mais comumente, no âmbito das áreas de Letras e Jornalismo. A exemplo disso podemos destacar o artigo “*A construção discursiva do obituário brasileiro no jornal Folha de S. Paulo*”. Esse analisa 2.284

¹ Antes de 1859 não havia em Teresina um cemitério devidamente institucionalizado. Apesar disso, desde o ano de 1854, já era possível encontrar leis locais que proibiam o enterro de cadáveres no interior da Igreja Matriz da capital. No contexto nacional, desde o início do século XIX já havia uma preocupação concreta por parte da administração colonial em normatizar as práticas vigentes de sepultamento e combater todo tipo de enterro dentro dos limites urbanos. A exemplo disso, em 14 de janeiro de 1801 foi publicada a carta régia de nº 18 que ordenava que se construíssem cemitérios fora das cidades e em lugares amplos de forma que não fosse necessário abrirem sepulturas antes da decomposição completa dos corpos que já tivessem sido inumados anteriormente (REIS, 1991. p.274). As mudanças efetivas no âmbito nacional começaram a ser percebidas a partir da promulgação, em outubro de 1828, da lei imperial de estruturação dos municípios. Em linhas gerais, a lei regulamentava a estrutura e funcionamento das câmaras municipais e informava as atribuições delegadas às municipalidades também quanto ao cuidado com os mortos (REIS, 1991. p.276). Em meio a esse processo, é importante destacar ainda o decreto nº 583 de 1850 que estabelecia a implementação dos cemitérios públicos na corte (RODRIGUES, 2014. p.169).

obituários publicados na Folha de S. Paulo, entre os anos de 2007 a 2012, com o objetivo de reconhecer as características de estilo, tema e composição do gênero. No artigo, o obituário contemporâneo brasileiro é compreendido como “um texto biográfico curto e simples que narra a vida de um indivíduo normalmente não famoso, mas com um certo destaque em sua comunidade” (SEMMLER; DAROS, 2018, p. 3002).

Já no trabalho monográfico intitulado “*Morte no jornalismo: uma análise da seção de obituários do jornal Zero Hora*”, Natália Ribeiro investigou as publicações de mortes no jornal Zero Hora a partir da observação da seção de obituários dos dias 18, 19, 20 e 23 de agosto do ano de 2015. Quanto a metodologia adotada, a autora fez entrevista com os editores e as redatoras da seção. Além disso, aplicou 170 questionários aos leitores escolhidos aleatoriamente em Lajeado e Porto Alegre a fim de compreender como os homens contemporâneos compreendem e se relacionam com a morte (RIBEIRO, 2015).

Uma das conclusões de Ribeiro foi que homens e mulheres são tratados de maneiras distintas nos textos dos obituários. Em resumo, eles são destacados pelo papel público enquanto elas são tratadas pelos papéis realizados no âmbito privado. No decorrer do presente artigo, também veremos que essa mesma configuração social era bastante perceptível nas notícias de falecimento publicadas no jornal “*O Piauhy*” no final do século XIX. Comparando a pesquisa de Ribeiro com a nossa é possível afirmar que existem continuidades no que diz respeito a divisão dos papéis sociais em relação aos gêneros. A participação na vida pública é referente aos homens enquanto a esfera doméstica ainda é a área de atuação que se deseja para as mulheres.

Outra importante contribuição para essa temática trata-se da tese “*A Retórica fúnebre: uma abordagem histórico discursiva de epitáfios, obituários e memórias digitais*” apresentada ao Programa de Letras da UFPE em 2011. Na ocasião, Fabíola Santana buscou estudar os gêneros textuais ligados ao discurso epidítico, mais precisamente, os epitáfios, obituários e memórias virtuais a fim de analisar as motivações, usos, ideologias e suas transformações textuais inserido no interior de uma abordagem histórico discursiva (SANTANA, 2011).

A autora estuda essa temática com base na hipótese de que os epitáfios e obituários são práticas textuais e discursivas intensificadoras de papéis sociais, sentimentos e emoções relacionadas a perda de um ente. Por outro lado, as memórias virtuais surgem como gênero das práticas mortuárias influenciadas pelas tecnologias disponíveis na web.

Mais especificamente sobre os obituários, esse gênero textual teria surgido no século XIX “para dar forma as atividades sociais ligadas ao funeral” (SANTANA, 2011, p. 80). Para além disso, esse tipo de texto teria uma dupla funcionalidade, pois informam a morte de um membro da sociedade ao tempo em que também pode ser compreendido como uma estratégia de superação do luto pela perda, reforçando também a importância do papel social e familiar das pessoas representadas nesse texto (SANTANA, 2011, p. 79).

Em seu trabalho, Santana diferencia três tipos de obituários que existiram no Brasil oitocentista. O primeiro diz respeito aos registros de óbitos anotados nas atas eclesiásticas das paróquias brasileiras que eram encarregadas de registrar a morte de seus congregados (SANTANA, 2011, p. 80). Esses registros eram individuais e informavam data de nascimento, de falecimento, cidade de origem, parentes próximos e, principalmente, os sacramentos instituídos pela Igreja Católica durante a vida do falecido. Há também informações como vestimenta utilizada nas exéquias e lugar do sepultamento. Outra modalidade de obituário seria as listas de óbitos publicadas em jornais oficiais da cidade e do município. Nesse, as informações são ainda mais breves. Normalmente está escrito o nome, idade, lugar de origem, causa da morte e cemitério em que foi enterrado (SANTANA, 2011, p. 82).

Por último, há também o que a autora chama de obituários individuais de caráter elegíaco de pessoas ilustres. Sobre esses ela escreve que: “Esse tipo de obituário é destinado as figuras mais importantes da sociedade, sempre localizado em espaço privilegiado dentro do jornal, em uma das três primeiras páginas, na primeira ou na segunda coluna”. (SANTANA, 2011, p. 83). Esse modelo é bastante semelhante às notícias de falecimento que analisamos na presente pesquisa, no entanto, por serem diferentes dos demais modelos de obituários convencionamos trata-las com essa última nomenclatura (notícias de falecimento). No jornal “*O Piauí*” as notícias de falecimento normalmente são encontradas na última página e não nas primeiras, como afirmou Santana ao se referir aos obituários individuais de caráter elegíaco. Em sua tese a pesquisadora destaca também um outro gênero textual ligado à morte que seriam as notas de falecimento. Sobre essas explica que:

As notas de falecimento são muito comuns nos jornais também a partir do período oitocentista. Nesse caso, o jornal, como representante do campo midiático, cumpre com sua ação de notificar aos seus leitores a morte, não apenas de pessoas ilustres, mas também de pessoas comuns, do povo. Quanto mais significativa a posição do representado no espaço social, sua importância para o grupo, maior o grau de predicação. Por outro lado, nas representações de membros pertencentes a grupos que mantem uma distância social e econômica das elites, prevalece também uma economia na predicação, no elogio, quase sempre presentes nos gêneros ligados à morte (SANTANA, 2011, p.86).

De forma simplificada, as notas são notícias de falecimento em tamanho reduzido que noticiam a morte de pessoas que, embora sejam notórias, possuem menor posição e prestígio no âmbito social. Durante a nosso levantamento no jornal “*O Piauí*” entre 1869 e 1873 encontramos pequenas notas que apresentaremos no decorrer do presente labor dissertativo.

Retornando a nossa reflexão acerca dos trabalhos que abordam a temática relacionada aos estudos da escrita funerária, não podíamos deixar de destacar que Josilene dos Santos Lima faz uso das notícias de enterramento para tecer valiosos fios da história da morte e do morrer no Piauí oitocentista. Aliados a uma enorme variedade de fontes (dentre elas compromisso das irmandades, mensagens governamentais, códigos de postura das cidades, leis aprovadas pela assembleia legislativa, testamentos), os periódicos foram fundamentais para narrar a trajetória da morte no Piauí no século XIX.

A pesquisa das notas de enterramentos e acompanhamentos pelas confrarias ou noticiadas pelos familiares nos jornais “*O Amigo do Povo*”, “*A Imprensa*” e “*O Piauí*”, possibilitaram à autora a confirmação de fatos ocorridos bem como a melhor investigação sobre as sensibilidades e sentidos construídos em torno das práticas mortuárias vivenciadas pelos piauienses oitocentistas. Por fim, todos esses atos são observados em meio ao cenário religioso desse lugar e temporalidade.

Antes de adentrar a nossa análise propriamente dita, é necessário advertir o leitor para o fato de que quando utilizamos o termo “sensibilidades” estamos trabalhando com um objeto caracterizado pela sua imaterialidade. Trata-se de algo que está mais relacionado às emoções, ou seja, está para além do palpável. Sobre isso Lupion (2017) explica que:

Nada mais insólito que as emoções de um indivíduo ou, o que é ainda mais difícil de compreender, de uma coletividade. Mas é isso que a História Cultural faz: abordar os temas e objetos que em princípio não parecem ser da ordem dos historiadores e sim de terapeutas e psicólogos, mas, que após pesquisados, mostram-se plenamente capazes de explicar determinados aspectos da sociedade (LUPION, 2017, p. 2536).

O estudo das sensibilidades está inserido no campo de possibilidades que se convencionou chamar nova História Cultural, porém, inicialmente, muito vinculado à História das Mentalidades, essa “ideia vaga que agitou e forneceu oxigênio a história” (LE GOFF, 1990, p. 49). Sobre isso, fazendo uso de uma história contada por Lucien Febvre a respeito da ambiguidade vivida pelo rei Francisco I que, ao anoitecer visitava a amante e durante o dia rezava devotamente, Philippe Ariès explica que a História das Mentalidades é aquela que compreende como “certas coisas, portanto, eram concebíveis, aceitáveis, em determinada época, em determinada cultura, e deixava de sê-lo em outra época e numa outra cultura” (ARIÈS, 1990. p. 154)

Portanto, a História das Mentalidades pode ser vagamente definida como a compreensão de que se configura como um grande erro interpretar as atitudes e sensibilidades dos homens de outro tempo e cultura a partir dos nossos próprios valores, pois entre esses diferentes tempos históricos pode ter ocorrido uma mudança das “atitudes mentais”, mudança das mentalidades. Por fim, ela (História das Mentalidades) ainda busca observar os comportamentos mentais dos homens do passado, é “muito mais a história das mentalidades de outrora, das mentalidades não atuais” (ARIÈS, 1990. p. 172).

Quanto a origem desse campo, é possível afirmar que o seu surgimento está relacionado ao nascimento da Nova História, sacramentado pela fundação da revista “*Annales d’histoire économique et social*” em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch, e, principalmente, está imbricado à luta travada pela Nova História contra alguns preceitos da História Positivista do século XIX.

Nesse sentido, o primeiro rompimento se deu, sobretudo, com relação ao conceito de documento histórico. Sem dúvida alguma, a História Nova ampliou o campo documental disponível para os historiadores:

Ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem (LE GOFF, 1990. p. 28).

Aqui vale fazer a ressalva de que, apesar da revolta contra a História Positivista, não houve a intenção ou desejo de aniquilamento ou rompimento total. Ao contrário disso: “uma parte das conquistas técnicas do método positivista na história permaneceu válido” (LE GOFF, 1990. p. 28). Portanto, a crítica bem apurada ao documento conquistada no século XIX pode ser considerada como uma das joias da história e que permaneceu guardada, também, pelos historiadores que pertenceram ao que chamamos de Nova História.

Para além da revolução documental, a História inaugurada pelos *Annales* rejeita aquela predominantemente política, dos grandes homens e dos grandes fatos, ao passo em que propõe a construção de uma explicação histórica global, que seja total, que seja capaz de explicar múltiplos aspectos de uma sociedade, isto é, que observe sua economia, política e também a imensidão de sentidos englobados pelo termo “social”.

Com isso, em um primeiro momento, ainda no período de seus pais fundadores, não havia no interior dos *Annales* um compartimento separado para as mentalidades ou que fosse definido como história das mentalidades. Enfim, “o compartimento das mentalidades ainda não estava bem separado do da economia, ou do socioeconômico. Os dois juntos constituíam a História Total, ou que se pensava ser total” (ARIÈS, 1990. p. 156). O que havia, de fato, era uma História Social, que era também econômica e cultural e, portanto, das mentalidades em oposição à história tradicional que:

Interessava-se quase exclusivamente por indivíduos, pelas camadas superiores da sociedade, por suas elites (os reis, os estadistas, os grandes revolucionários) e pelos acontecimentos (guerras, revoluções), ou pelas instituições (políticas, econômicas, religiosas) dominados por essa elite (ARIÈS, 1990. p. 156).

De forma oposta, a História Social “interessava-se pela massa da sociedade, que permanecia distante dos poderes, por aqueles que lhes eram submetidos” (ARIÈS, 1990. p. 156). Daí vem também o grande interesse por documentos diversificados como registros de nascimento, inventários, obituários e tudo que pudesse informar sobre as massas populares dos tempos passados.

Em um segundo momento, após 1945, devido à expansão econômica mundial, no interior da Nova História, a História Econômica passou a ser privilegiada em detrimento do social e do cultural. No entanto, faz-se a ressalva de que:

A História Econômica foi privilegiada. Mas não qualquer História Econômica. Os historiadores franceses preservaram para melhor e para o pior, algo do primeiro caráter da história econômica: uma história coletiva de ambição humanista, que possibilita alcançar a vida das massas, a multidão dos pequenos, dos obscuros (ARIÈS, 1990. p. 157).

Após esse período de retrocesso, a partir de 1960, a ideia de mentalidade volta com maior força. Na década seguinte, 1970, houve um fenômeno que Ariès define como uma “invasão de temas raríssimos e desconhecidos” que são próprios dos estudos das mentalidades, como a morte, por exemplo. Por fim, é nesse momento “que se pode falar da uma História das Mentalidades como um fenômeno significativo da nossa cultura contemporânea” (ARIÈS, 1990. p. 161).

Assim, o objeto da História das Mentalidades enquanto vertente da História Cultural é, hoje, tão vasto que se torna uma tarefa quase impossível defini-lo. A saudade, a esperança, o ritual, as sensibilidades, o material e o imaterial, tudo que diz respeito ao ser humano é passível de ser inserido na abordagem cultural, pois esta “traçou sua metodologia, seus aportes teóricos e deixou em aberto seus objetos de pesquisa de tal forma que é quase impossível algum tema ou objeto que não possa ser abordado sob seu manto” (LUPION, 2017, p. 2336).

Retomando o nascimento da Nova História, destacamos que, referindo-se ao ofício do historiador, Bloch afirma que “onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça” (BLOCH, 2001, p. 54). Esta frase resume bem o quão vasto tornou-se o campo de pesquisa em história após a década de 1920. Os historiadores passaram a estudar os sentimentos, as atitudes, sensibilidades, aspectos relacionados à vida e à morte dos seres

humanos. A busca dessas sensibilidades, enquanto cerne da história cultural e também do campo das mentalidades é o propósito estabelecido pelo presente trabalho.

anúncios de falecimento no jornal “o piauihy” entre 1869 e 1873

A mão pesada da morte acaba de arrebatrar mais uma vida preciosa, cuja perda lamentamos do fundo d’alma!

Já não existe o nosso distinto amigo Exm. Sr. Dr. Aureliano Ferreira de Carvalho, muito digno deputado da assembleia geral por essa província. Ainda na flor dos anos, cheio de vida e de esperanças, quando começava a sorrir-lhe um brilhante futuro, foi o distinto piauiense vítima de uma morte prematura, que roubou ao país um cidadão presente e a província um filho ilustre e querido! (O PIAUHY, 1871, p. 2).

Acima transcrevemos o anúncio de falecimento do Exm. Sr. Dr. Aureliano Ferreira de Carvalho² publicado no jornal “*O Piauihy*” no dia 14 de agosto de 1871. O ex-deputado piauiense é caracterizado pelo redator do jornal como um jovem de “inteligência robusta e brilhante, caráter leal e sincero, político firme e dedicado, um dos mais distintos membros do partido conservador” além de também ser “filho, cidadão e amigo de qualidades apreciáveis”, faleceu alguns dias depois de desferir um tiro de revólver em sua própria cabeça. Após registrar que “pouco importa hoje os motivos que o levaram a tão desesperada resolução, só nos resta lastimar sua infeliz sorte”, o jornalista encerra a nota da seguinte forma:

Altos são os juízos, e curvando-nos aos decretos do altíssimo, fazemos votos pelo seu descanso eterno. Associando-nos a sua ilustre família, a qual dirigimos nossos pêsames, derramemos sobre seu túmulo uma lágrima de dor e de saudade por tão irreparável perda. A terra lhe seja leve (O PIAUHY, 1871, p. 2).

A leitura dos fragmentos acima, que datam do final do século XIX, nos permite perceber que a morte era anunciada com grande pesar e certa dramaticidade poética. Além disso, expressa a necessidade de demonstrar solidariedade à família, principalmente se

² Aureliano Ferreira de Carvalho foi deputado pelo Piauí entre 1869 e 1871. Quanto a sua formação acadêmica foi Bacharel em Matemática, sobre isso ver o trabalho de Maicon Fernando Guarese (GUARESE, 2017, p.95).

esta desempenhar certa influência no interior da província, reafirmando assim os laços com os parentes e amigos dos falecidos ilustres.

Dessa forma, a fim de rastrear as sensibilidades expressas pelos teresinenses do século XIX diante da morte e do morrer, analisamos algumas notícias de falecimento publicadas no jornal “*O Piauí*” entre os anos de 1869 a 1873. Durante esse período foi possível catalogar 20 notícias de falecimento, incluindo uma nota que dizia respeito a missa celebrada em razão da morte da princesa D. Leopoldina de Bragança na Igreja Nossa Senhora do Amparo, duas notas de agradecimento as solidariedades prestadas por ocasião do falecimento de familiares e um convite para a missa de sétimo dia.

Após transcrever as notícias de falecimento encontradas no período estudado, construímos um quadro apresentando informações como o número do jornal, data de publicação da notícia, nome do falecido, data de falecimento, causa da morte, descrição da notícia, presença ou não de inscrição em latim, menção a parentes vivos ilustres, referência da notícia e observações.

No campo destinado a “descrição da notícia” anotamos se é uma pequena nota ou um grande texto que traz também a biografia do falecido. Já no campo destinado a “observações” registramos algumas peculiaridades daquelas notícias como: o fato de haver uma gravura ilustrando o texto, isso ocorreu apenas três vezes ao longo do material estudado; ou se o autor apresenta alguma informação incomum como, por exemplo, a existência de dúvidas sobre a causa da morte ou a situação financeira em que o falecido deixou a família.

Comumente, esses anúncios são posicionados na última página do jornal e, como mencionamos anteriormente, varia quanto ao tamanho do texto. Por vezes, são apresentadas apenas pequenas notas de falecimento como é o caso da publicação da edição de 2 de janeiro de 1869 por ocasião da morte do Capitão Aníbal José da Silva Conrado³:

Falecimento. --- Deu ontem à noite a alma ao criador e sepultou-se hoje o capitão Aníbal José da Silva Conrado, escrivão dos feitos da Fazenda Provincial. Parece que a mão do infortúnio pesa sobre a *distintosa* família Conrado. Ainda não faz, talvez, um mês que faleceu o chefe da família, de que o capitão Aníbal ficara sendo o único arrimo, e já tão depressa é

³ Nasceu em 1844 e faleceu em 1869. Foi Capitão da Guarda Nacional e escrivão da fazenda provincial, filho de Francisco José da Silva Conrado e Ana Leonor Ferreira da Silva.

lançado ao túmulo, deixando mulher e filhos, mãe e irmãs em perfeita pobreza! Receba sua consternada família nossos sinceros pêsames. Deus se compadeça de sua alma (O PIAUHY, 1869, p.4).

Há também algumas notícias que são acompanhadas por enormes biografias ressaltando os feitos do falecido em vida. Comumente, essas notas maiores são dirigidas às pessoas consideradas ilustres para o jornal, principalmente aos membros do Partido Conservador, vêm acompanhadas por uma imagem. A exemplo, podemos apresentar o recorte da primeira parte da notícia e detalhe da gravura que precedia o texto escrito por ocasião da morte do Sr. Tenente Coronel José Amaro Machado⁴.

Figura 1. Recorte da notícia de falecimento e detalhe da imagem que a precede



Fonte: MACHADO, José Amaro. O Piauhy, Teresina, 23 mar. 1872. ano V, n. 211, p.3-4 (Notícia sobre as circunstâncias do falecimento do Sr. Tenente coronel José Amaro Machado retomando sua biografia-ilustrada com gravura possivelmente uma pranteadora).

Trata-se de um grande texto precedido por uma ilustração que traz uma mulher em prantos, representando, possivelmente, a desolação e tristeza diante da morte. Abaixo, o fragmento do texto que ocupa quase três seções do jornal, e que narra, com grande

⁴ José Amaro Machado nasceu em 1832 e faleceu em 1872 com 40 anos de idade. Foi comandante de batalhão da guarda nacional do Piauí durante a Guerra do Paraguai (1864-1870).

lamento, a tragédia que se abateu sobre o coronel e sua família, e logo em seguida, apresenta a biografia do ilustre falecido:

Transpassados da mais intensa e profunda dor lamentamos hoje do mais íntimo da alma o infausto passamento do Exm. Sr. Tenente-coronel José Amaro Machado, que na idade de 40 anos baixou a sepultura no dia 17 do corrente, vítima de febres típicas ou paludosas, de que ele com sua virtuosa consorte e uma inocente filhinha foram acometidos poucos dias depois de ter chegado a esta capital e assumido a administração da província na qualidade de 4º vice presidente. Tendo 6 dias antes visto expirar sua idolatrada esposa, bem como, dois dias depois dela sua última filhinha, tornou-se desesperado e impossível o reestabelecimento de sua saúde, acabrunhado e cheio de tão profundo desgosto, sendo como foi tão violentamente assaltado por uma crudelíssima enfermidade, que zombou de todos os recursos médicos e escarneceu dos cuidados de amigos dedicados que lhes velavam a cabeceira, consternados pelo mais inesperado golpe. Assim que, em menos de 8 dias, a mais pesada e dura fatalidade reduziu a cadáver uma após outras três existências queridas, arrebatou deste mundo três vidas preciosas[...] (O PIAUHY, 1872, p. 3).

O coronel faleceu logo após o “infausto passamento” de sua esposa e de sua filha. Todos foram acometidos por uma forte febre que teve início após a chegada da família que se deslocou para a capital do Piauí a fim de que o coronel pudesse assumir o cargo de vice-presidente da província. Após noticiar com grande lamento essa tragédia, nas linhas seguintes, o jornal registra uma biografia do falecido ressaltando a importância dele para a província.

Era comum que o morto ilustre fosse enaltecido com a enumeração das suas virtudes cívicas, morais, sociais e familiares. Esse registro acaba por nos apresentar as qualidades mais apreciadas em uma dada época. A exemplo disso, o tenente-coronel é caracterizado pelo jornal como um dos filhos do Piauí:

De maior merecimento e mais acrisolado patriotismo; cheio de serviços reais relevantes a causa pública, que estão na consciência de todos, serviços que foram, em parte reconhecidos e distinguidos

pelo governo, condecorando-o com a comanda de oficial da Rosa que lhe enobrecia o peito”(O PIAUHY, 1872, p.4).

De modo geral, diante da análise das notícias e notas de falecimento publicadas no jornal “*O Piauí*” entre 1869 e 1873, encontramos os seguintes adjetivos utilizados para caracterizar os falecidos: distinto, digno, excelente homem, pai de família extremoso e desvelado, cidadão inestimável por suas virtudes cívicas e privadas, amigo, possuía o caráter elevado, espírito reto e alma generosa, excelente esposo, ilustres e de virtudes inexcusáveis. Ou então caracterizava como “dedicado e fiel aos princípios que sustentava, de honradez e probidade inexcusáveis”, modesto, afável para com todos, de grande inteligência, de caráter elevado, de coração bem-fazejo e acessível, sincero e de maneiras urbanas. Em resumo, o morto era enaltecido tanto por suas características públicas como privadas.

Foi possível observar também que eram raras as notícias de falecimento feminino e as virtudes atribuídas eram, como o esperado para a sociedade oitocentista, bem distinta daquelas projetadas aos homens. Assim, das vinte notas encontradas, apenas cinco eram destinadas à morte de mulheres. Normalmente, fazia-se menção a sua família, esposo ou filho ilustre. A exemplo, na edição de 10 de março de 1869 foi publicada a seguinte nota: “Acabamos de ser surpreendidos pela infausta notícia de ter falecido a poucas horas a Exm^a Sr^a D. Rosa Lúcia de Castro, muito digna mãe do nosso amigo Padre José Gomes de Castro. Deus se lembre de sua alma e mitigue a justa dor do filho que pranteia.” (O PIAUHY, 1869, p.4)

No texto acima, D. Rosa Lúcia de Castro foi caracterizada apenas por ser “digna mãe do Padre José Gomes de Castro”, o anúncio de seu falecimento ocorreu em decorrência do prestígio que o padre tinha perante o jornal. Ou seja, não foi apresentada nenhuma outra qualidade inerente a D. Rosa a não ser a sua condição de “boa mãe”.

De forma semelhante, apesar de receber um texto maior, dona Rufina Joaquina da Silva Rocha, teve seu falecimento anunciado no jornal devido ao prestígio de seu esposo. Isso fica evidente pelas palavras que intitulam a notícia “Uma lágrima sobre o túmulo da Exm.^a Sr^a Rufina Joaquina da Silva Rocha, oferecida ao Sr. Augusto Alves da Rocha.” (O PIAUHY, 1873, p. 4) Além disso, outra passagem que finaliza o texto também oferece indícios que comprovam o fato de que a dona Rufina Joaquina recebeu homenagem póstuma devido a importância de seu esposo:

E neste ingênuo tributo de nosso afeto para com ele e de nossa respeitosa lembrança para com essa, que ele perdera tão cedo, há mais do que um voto, há um rigoroso dever. é a homenagem que, após um mês de mortificadora saudade, vimos pagar-lhe, ante o sepulcro de sua idolatrada esposa.

Jerumenha, 29 de janeiro de 1873

Por um seu amigo dedicado (O PIAUHY, 1873, p. 4).

A Exm^a senhora Rufina Joaquina que parece ter falecido ainda muito jovem, ou seja, “na frescura da idade”, como sugere o texto que noticia a passagem de um mês do seu falecimento, é caracterizada da seguinte forma:

A esposa carinhosa, a mãe desvelada, a filha obediente, a amiga sincera e dedicada, a mulher virtuosa, que era também o desempenho deste provérbio: a mulher prudente é uma dádiva particular do senhor (*adomino própria uxo prudens*). A Exm. ^a Sr. D. Rufina Joaquina da Silva Rocha, que na frescura da idade dorme a um mês na cidade dos mortos o eterno e tranquilo sono dos justos. Soube ela ser mãe e praticar deveres que o seu estado lhe havia imposto, porque a educação -verdadeiro aperfeiçoamento do espírito lhe realçara em todo o brilho as faculdades nativas, e lhe apontaram no carinho do dever que se lhe pusera diante, o princípio da honra, como padrão seguro para o seu procedimento e para todas as suas ações (O PIAUHY, 1873, p. 4).

Diante disso, podemos ressaltar que a meiguice, obediência, prudência, dedicação a maternidade e a educação são algumas das características de Dona Rufina Joaquina que eram bastante apreciadas pela sociedade do século XIX.

Dona Ana da Fonseca Chaves foi mais uma mulher que faleceu naquele período e foi qualificada pelo papel desempenhado na esfera privada como “esposa virtuosa” do tenente Coronel José Cardoso. Abaixo, pequena nota dada por ocasião de sua morte:

FALECIMENTO: No dia 30 do mês findo deu alma ao criador, na vila de Marvão, D Ana da Fonseca Chaves, virtuosa esposa do nosso prestimoso amigo, tenente coronel José Cardoso, a quem apresentamos nossos sinceros pêsames.

Deus se emarcie de sua alma! (O PIAUHY, 1873, p.4).

Inserindo uma nova observação, a análise dos anúncios de falecimento publicados no jornal “*O Piauí*” entre os anos de 1869 e 1873 revela que a notícia da morte era suavizada pelo(os) seu(s) redator(res). Assim, o uso da palavra “morte” era evitado ao máximo, bem como a palavra “falecimento” também era comumente substituída por outras expressões como “infausto passamento”, “deu alma ao criador”, “descansa eternamente”, “subiu aos céus para receber o prêmio dos justos”, “baixou à sepultura” ou “já não existe”.

Há também outras expressões que apresentam maior dramaticidade como “o gélido sopro da morte veio privar-lhe de” ou “a mão pesada da morte acaba de arrebatá-lo mais uma vida preciosa”, “foi lançado ao túmulo”, “reduziu a cadáver”, “foi arrebatado desse mundo”, “terminam seus dias”. Em suma, apesar da utilização de eufemismos, a morte, geralmente, era noticiada com grande pesar e dramaticidade poética.

Algumas outras expressões demonstram as múltiplas atitudes e leituras construídas pelos homens diante da morte em meados do século XIX. Ora os textos apresentam a consciência quanto à infalibilidade da morte e a condição miserável do homem diante dela. Esse posicionamento fica claro quando, por ocasião da morte do tenente-coronel Manoel Antônio de Carvalho, afirma-se que “seguiu o destino a que está voltada a humanidade e pagou o tributo certo e inevitável de uma das poucas verdades, que não admite controvérsia, e que ninguém pode subtrair-se!” (O PIAUHY, 1872, p. 3).

No mesmo sentido, ao noticiar o falecimento do Major Aureliano da Silva Soares, o redator apresenta a admiração quanto a fragilidade da condição humana:

A vida humana, que se traduz por uma série consecutiva de trabalhos e amargores, semelhante ao batel em um navegante demanda o porto da felicidade, arrija-se de encontro com a lápide sepulcral apenas começa a divisa nos longínquos caminhos do horizonte! Miséria condição! (O PIAUHY, 1873, p. 2).

Expressões como “Deus se compadeça de sua alma” ou “Deus se lembre de sua alma”, “ao altíssimo uma prece para que dê a sua alma o descanso eterno”, “altos são os juízos, e curvando-nos ao decreto do altíssimo, fazemos votos pelo seu descanso eterno” ou , “Deus se amerceie de sua alma e a terra lhe seja leve”, ou ainda “pedimos-lhe que se resignem com a vontade suprema”, são bastante comuns e demonstram a resignação do homem diante da morte pois esta é uma vontade de Deus. Ao mesmo tempo, ao proferir

essas frases, os homens do século XIX, reafirmam sua crença cristã em uma vida após a morte.

considerações finais

Os anúncios de falecimento publicados no jornal “*O Piauí*” são um pequeno demonstrativo de como esse tipo de fonte documental pode fornecer ao historiador inúmeros fios que permitem compor fragmentos do tecido social de épocas passadas.

Aqui se registra a importância dessa documentação para análise de sociólogos, historiadores e cientistas políticos. Nesses dois últimos casos, é possível mapear a configuração e os conflitos (sociais e políticos) que se estabeleceram em um determinado lugar e uma dada época, pois, é comum cada jornal pertencer ou ser filiado a algum partido e, conseqüentemente, publicar o falecimento dos partidários daquele veículo de comunicação. Embora esse não tenha sido o objeto de estudo do presente trabalho, deixamos aqui a sugestão da rica e frutífera possibilidade de pesquisa.

Respaldados pela pluralidade quase infinita de temas a serem investigados pelo campo da História Cultural, buscamos rastrear as sensibilidades inscritas nos anúncios de falecimento publicados no Jornal “*O Piauí*” entre 1869 e 1873. Compreendemos que os piauienses desse período anunciavam a morte com grande dramaticidade poética buscando atenuar a brutalidade inerente a essa espécie de notícia. A palavra “morte” era constantemente eufemizada, conferindo um tom mais brando ao comunicado.

As relações de gênero também são explicitadas nos obituários. Como vimos, os atributos projetados para os homens e mulheres eram bem distintos. De modo geral, aqueles eram reconhecidos por sua atuação na esfera pública e a estas cabia desenvolver seu papel social no âmbito privado.

Por fim, a análise dos anúncios de falecimento nos levou a perceber que os piauienses que publicaram no jornal “*O Piauí*” tinham grande ciência quanto a infalibilidade da morte. Sabiam que eram vulneráveis diante dos desígnios divinos. No entanto, quase sempre reafirmavam suas crenças quanto à existência da vida após a morte.

referências

Fontes

CARVALHO, Aureliano Ferreira de. *O Piauíhy*, Teresina, 14 ago. 1871. ano V, n. 184, p. 2. (Notícia sobre o falecimento Exm. Sr. Dr. Aureliano Ferreira de Carvalho).

CARVALHO, Manoel Antônio. *O Piauíhy*, Teresina, 8 de jun. 1872, ano VI, n. 221, p. 3. (Notícia sobre o falecimento do tenente coronel Manoel Antônio Carvalho- ilustrada com uma gravura religiosa)

FALLECIMENTO. *O Piauíhy*, Teresina, 2 jan. 1869. ano 2, n. 56, p.4 (Notícia sobre o falecimento do capitão Aníbal José da Silva Conrado)

FALECIMENTO. *O Piauíhy*. Teresina, 17 de jul. 1873. ano VII, n. 272, p. 4 (Notícia sobre o falecimento de tenente D. Ana da Fonseca Chaves).

FALLECIMENTO. *O Piauíhy*. Teresina, 10 mar. 1869, ano II, n. 66, p.4 (Notícia sobre o falecimento da Sr^a D. Rosa Lúcia de Castro).

MACHADO, José Amaro. *O Piauíhy*, Teresina, 23 mar. 1872. ano V, n. 211, p.3- 4 (Notícia sobre as circunstâncias do falecimento do Sr. Tenente coronel José Amaro Machado e retomando sua biografia -ilustrada com gravura possivelmente uma pranteadora)

ROCHA, Rufina Joaquina da Silva. *O Piauíhy*. Teresina, 22 de mar.1873. ano VI, n. 257, p. 4 (Notícia sobre o falecimento de D. Rufina Joaquina da Silva Rocha com biografia)

SOARES, Aureliano da Silva. *O Piauíhy*, Teresina, 22 de mar. 1873. ano VI, n. 257, p. 2 (Notícia sobre o falecimento de Major Aureliano da Silva Soares com biografia-presença de ilustração religiosa)

Obras Gerais

ARIÈS, P. A história das mentalidades. In: LE GOFF, J. (Org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 153-175.

BLOCH, M. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GUARESE, Maicon Fernando. *Caçando os desvalidos da pátria: A reforma do recrutamento na câmara dos deputados de 1869*. 2017. Monografia, Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

LE GOFF, J. *A História Nova*. Martins Fontes: São Paulo, 1990.

LIMA, Josilene dos Santos. *“Pelos Almas do purgatório”*: religiosidade e atitudes diante da morte no Piauí oitocentista. 2013. Dissertação, Mestrado em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

LUPION, M. O percurso da História das sensibilidades. In: *Anais do VIII Congresso Internacional de História*, p.2535-2542, 2017.

ROSA, Mariana Antão de Carvalho. *Cemitério São José: História, Memória e Sensibilidades teresinenses*. 2019. 185 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Maranhão, 2019.

RODRIGUES, Claudia. A criação dos cemitérios públicos do Rio de Janeiro enquanto “campos santos” (1798-1851). *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Jan.* n. 8, 2014, p. 257-578.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 1.ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Natália. *Morte no jornalismo: uma análise da seção de obituários do jornal Zero Hora*. 2015. Monografia, curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2015.

SANTANA, Fabiola de Jesus Soares. *A retórica fúnebre: uma abordagem histórico discursiva de epitáfios, obituários e memórias digitais*. 2011. Tese, Doutorado em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SEMMLER, J.; DAROS, S. *A construção discursiva do obituário brasileiro no Jornal Folha de S. Paulo*. *Forum lingüístic.*, Florianópolis, v.15, n.2, p.3001-3016, abr./jul. 2018. p. 3001- 3016.

Recebido em: 30/03/2020 – Aprovado em: 18/05/2020